

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO
E ARTES
DEPARTAMENTO DE MÚSICA - CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO
“ARTE NA EDUCAÇÃO: TEORIA E PRÁTICA”

ANA LUISA BUENO SOBRAL

“Onde está a Arte na Pedagogia?”

**Um diálogo entre experiência estética e processo criativo na
sala de aula”**

Orientação: Prof^ª Dr^ª Sumaya Mattar

SÃO PAULO

2022

ANA LUISA BUENO SOBRAL

“Onde está a Arte na Pedagogia?”

**Um diálogo entre experiência estética e processo criativo na
sala de aula”**

Monografia apresentada Escola de
Comunicações e Arte da Universidade de São Paulo para
obtenção do título de especialista em Arte na Educação

Orientação: Prof^ª Dr^ª Sumaya Mattar

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer à minha família, pelo apoio, estrutura e carinho neste período. Sem eles, nada disso teria sido possível.

Agradeço aos professores e professoras do curso *Arte na Educação: Teoria e Prática, da ECA/USP*, pelos encantamentos, provocações, vivências e reflexões que nos acompanharam ao longo de dois anos pandêmicos. Apesar de todas as dificuldades, trouxeram poesia para nossos sábados.

Agradeço em especial à professora Sumaya Mattar, por suas aulas, pela inspiração, pelo encantamento, pela sensibilidade e por nos trazer a reflexão sobre o projeto poético pedagógico de cada educador e educadora.

Agradeço também à escola na qual trabalho há tantos anos (Escola Comunitária de Campinas), às coordenadoras que confiaram no meu trabalho, me incentivaram, possibilitando tantas criações sensíveis e significativas para mim e para as crianças.

RESUMO

Este trabalho apresenta uma reflexão sobre a relação dialógica entre a arte e a pedagogia a partir do questionamento: *como as experiências estéticas e artísticas vivenciadas pelo/pela educador/educadora podem contribuir para o processo criativo na sala de aula?*

Por meio de um relato autobiográfico, resgatando memórias da arte na minha vida e na minha formação, ressalto a importância fundamental da construção desse repertório para minha prática docente e busco abrir espaço para uma reflexão sobre a importância da arte como ferramenta de aprendizagem para outras disciplinas, vista como necessidade intrínseca ao ser humano.

PALAVRAS-CHAVES: arte/educação, experiências estéticas, relato autobiográfico

SUMÁRIO/ MUSEUM PASS

1 - GALERIA I - INTRODUÇÃO: MEMÓRIAS DAS MINHAS EXPERIÊNCIAS ARTÍSTICAS/ESTÉTICAS	1
1.1 Sala I – “ <i>As duas Fridas</i> ” ou <i>A menina que espionava Van Gogh</i>	2
1.2 Sala II – <i>Clarice e a descoberta do mundo</i>	3
1.3 Sala III – “ <i>A dama e o unicórnio</i> ”	4
1.4 <i>Sala IV – As nove musas</i>	5
1.5 <i>Sala VI - Entre Frida, Marina e Tarsila - Inspirações femininas</i>	8
2 - GALERIA II: HERBERT READ E A EDUCAÇÃO PELA ARTE OU “ASAS DO DESEJO”	15
3 - GALERIA III: AS EXPERIÊNCIAS ESTÉTICAS E A CRIAÇÃO PEDAGÓGICA: O PROFESSOR ARTISTA	21
4 - GALERIA IV: “FAZ ESCURO MAS EU CANTO”, OU CONSIDERAÇÕES FINAIS	25
REFERENCIAIS TEÓRICOS	26

Museum Pass

Convido os leitores e leitoras a percorrem esse trabalho como uma visita a um museu, percorrendo as galerias com seus acervos particulares, mas que se completam e dialogam entre si. Trata-se de uma narrativa íntima, pessoal e afetiva, na qual, através do meu relato autobiográfico, trago algumas problematizações relativas à criação do educador em sala de aula e à participação de mesmo em seu percurso autoformativo. Ressalto que as escolhas das referências artísticas citadas ao longo de todo o trabalho não foi tarefa fácil. São muitos anos de enriquecimento de um acervo pessoal, que me constituíram e me constituem frequentemente.

Inspirando-me em uma frase de Adriana Varejão, em sua recente exposição na Pinacoteca - SP (maio/2022): Sou uma artista catadora, andarilha, que cata referências. Faria apenas uma modificação “professora-artista”.

1. GALERIA I - INTRODUÇÃO: MEMÓRIAS DAS MINHAS EXPERIÊNCIAS ARTÍSTICAS/ESTÉTICAS

(Fig. 1 - Frida Kahlo, “As duas Fridas”, tela, tinta a óleo, 1,74 m x 1,73 m, 1939, Museu de Arte Moderna do México)



Fonte: https://artsandculture.google.com/story/as-duas-fridas-1939/_wJ Cem8xJOWKLw?hl=pt-BR

Sala I – “As duas Fridas” ou A menina que espionava Van Gogh

Ao receber a proposta de escrita do meu percurso poético e da minha relação com a arte, no início das aulas da disciplina professora Sumaya Mattar para a minha turma no curso de especialização “Arte na educação: teoria e prática”, confesso que me senti incomodada por sentimentos dúbios. De um lado, me sentir obrigada a cavar lembranças distantes da infância. De outro, lembrar experiências estéticas tão incríveis que tive depois de adulta, que deixei guardadas em caixas com medo de resgatá-las e reviver tamanha preciosidade poética. E se viessem com avassaladora nostalgia? Talvez preferisse deixá-las nas caixas e nas lembranças primeiras da estesia. Respirei fundo e fui ao longo de dias libertando algumas memórias da infância.

Fui uma criança mais sensível que as demais. Meus pais relatam que as professoras traziam esta observação e eles também percebiam tal característica. Gostava de estar com pessoas, chorava quando estava sozinha. Cuidava de animais e plantas. Gostava de deitar no chão e contemplar o tempo. Imaginar, ficar no ócio. Gostava de ficar descalça, brincar no quintal e no meu quarto também. Dançava sozinha e copiava desenhos. Tardes e tardes, cadernos e cadernos, desenho, pintura, lápis e aquarela. Mas as regras eram claras e rígidas. Limpeza, organização, perfeição. Criação não tinha espaço, sujava muito, dava trabalho, tirava tudo do lugar. Tinha também as aulas de ballet. Na época não gostava muito, meia quente, cabelo preso, tudo incomodava e apertava. Uma vez criei uma apresentação para a aula de ginástica artística da escola. Tinha bola e música francesa. Ensaiei muito e as crianças gostaram, até me carregaram no colo no final, entoando meu nome. Me senti feliz. Tinha também meu avô que morou com a gente um período até o fim da vida. Diziam que ele tinha problemas mentais, eu não achava nada de errado com ele. Quando ele não estava, entrava no quarto dele e gostava de ver a bagunça que ele deixava. Bagunça que era inaceitável para o meu quarto. Ele escrevia muito. Tinha uma máquina de escrever. Escrevia nos livros também, pensamentos aleatórios que ele tinha. Muitos livros, inclusive uma coleção de história da arte, com imagens de obras de vários artistas famosos. Gostava de folhear, queria pegar para mim. Meu artista favorito era Van Gogh, as cores, as pinceladas, as paisagens eram tão bonitas! E ele pintava também autorretratos – não tinha fotografias naquela época? Eu pensava. Ruivo, com barba, tinha um ar sério, mas ao mesmo tempo deixava tanto de si mesmo nas obras. Tanta sensibilidade. Os livros tinham um cheiro estranho, alguns furinhos de traça, mas eu gostava. Achava que meu avô ficaria bravo se me visse mexendo nos livros,

então saía correndo quando o ouvia voltando para o quarto. Hoje, penso que deveria ter ficado e falado com ele. O receio era da minha imaginação, não era real.

Sala II – Clarice e a descoberta do mundo

O tempo passou. Além do meu avô, outra grande referência na minha vida: meu irmão. Leitor voraz desde a infância, tem uma biblioteca particular com mais de mil livros. Hoje antropólogo e pesquisador, sempre fomos próximos e conversamos muito. Ele sempre me relata os livros que lê, as histórias que conhece, citando as obras de referências mundiais. As narrativas dele sempre me estimularam a entrar neste universo literário.

Neste contexto, o próximo encontro marcante com a arte (que me lembro) foi com a literatura, estava no ensino médio. Machado de Assis, um livro com vários contos escritos por ele. Fiquei perplexa com a forma de escrita, os personagens, as histórias. Como alguém poderia ter tanta habilidade para escrever, criar enredos interessantes e nos prender na leitura? Assim fui entrando aos poucos no universo literário. A próxima paixão foi Clarice Lispector, que me entendia perfeitamente e dizia sobre minhas angústias, meus medos e encantamentos. Lembro-me que fiquei admirada com a forma que ela escrevia, parecia tão fácil, ela combinava tão perfeitamente as palavras, de forma tão poética e dizia coisas tão profundas.

Então escrever é o modo de quem tem a palavra como isca: a palavra pescando o que não é palavra. Quando essa não-palavra (a entrelinha) morde a isca, alguma coisa se escreveu.

(LISPECTOR, 1998)

Aproximadamente nesta época, ingressei na universidade. Ainda tinha muitas dúvidas, não estava certa da escolha. Tinha simpatia por psicologia e pedagogia. Ingressei no curso de pedagogia na UNICAMP no ano de 2000. Gostava de crianças, interessava-me pelos processos de aprendizagens e só. Na época, foram critérios suficientes para permanecer no curso. Durante a graduação me distanciei das vivências com a arte. Os momentos de socialização e de vivências no *campus* me pareciam mais atraentes. As disciplinas que trouxeram um diálogo mais próximo com a arte não pareciam fazer sentido para mim. Procurava mais textos e abordagens teóricas. Concluí a graduação em 2004 e comecei a dar aulas em escolas particulares em Campinas.

Sala III – “A dama e o unicórnio”

(Fig. 2 - “La dame à la licorne” - tapeçaria - 1490 - Museu de Cluny, Paris, França)



Fonte: acervo pessoal.

Em algum momento, entre as leituras de Clarice Lispector, decidi voltar a fazer aulas de ballet. Desta vez, a meia e o coque não apertavam. A dança me embalou e me convidou a mergulhar mais ainda neste mundo de sensações incríveis e conflituosas – as experiências estéticas. Incríveis, pois conseguem dialogar com os cantos mais profundos da alma, dão significado a memórias e ressignificam meu lugar no mundo. Conflituosas, pois nem sempre o que descubro é belo, lógico ou claro o suficiente para ver. Mas, mesmo assim, guardo estas sensações, de qualquer natureza que sejam, em algum lugar significativo, como tatuagens no corpo que me contam memórias, histórias e experiências.

Assim, através de Tchaikowski (e tantos outros) e dos rigorosos *adágios*, *plies*, *jeté*, *battement*, pude ver uma possibilidade de união entre espírito e corpo, abstração e concretude, rigor e poesia, fruição e reflexão. Vislumbrei um caminho que a partir de então foi criando forma, trazendo inquietações, encantos, liberdade e paixões.

Com um grupo de amigas que conheci nas aulas de ballet, comecei então a frequentar e conhecer o mundo da arte em São Paulo, principalmente. Museus, teatros, galerias começaram a fazer parte da minha rotina e me encantava cada vez mais pelas sensações provocadas pelas experiências estéticas. Neste período, também tive a oportunidade de conhecer Paris, em visita ao meu irmão que estava morando lá. Encantamento e estesia constante marcaram esse momento, tanta riqueza artística e histórica! Dentre tanto fascínio, uma obra em especial me cativou. Estávamos no Museu de Cluny, mergulhada na Idade Média e seus mistérios, quando encontrei uma sala mais escura que as demais, um pouco mais movimentada. Havia seis tapeçarias enormes nas paredes, datadas do século XV - “*A dama e o unicórnio*” (*La dame à la licorne*). Achei esplêndidas as figuras representadas, as simbologias, os cinco sentidos retratados. Me sentei nessa sala e passei um bom tempo contemplando-as.

Era isso! Como pude viver até então sem estas vivências? As obras e os artistas dialogam comigo, expressam meus sentimentos, criam de forma fascinante e dão vazão para o que eu sou. Havia descoberto que esse era o caminho. O meu caminho.

Sala IV – As nove musas

*O ato de pintar se trata de um coração contando ao outro onde encontrou
salvação.*

Francisco de Goya

(Fig. 3 - LORRAIN. Claude. Apolo e as Musas no Monte Helion (Parnaso), óleo sobre tela, 98 x 135 cm, 1680 – Museum of Fine Arts - Boston, United States).



Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Claude_Lorrain_Apollo_Muses.jpg

Na mitologia grega antiga, havia o culto às nove musas ou deusas das artes e ciências, filhas de Zeus e da deusa da memória, *Mnemosine* (há outras versões). Previavam o futuro e baniam as tristezas e dores. Eram evocadas por artistas e cientistas em busca de inspiração.

A definição de musas, de acordo com o Dicionário Oxford (2012, pág. 974): “Musas, evocadas por poetas, e depois outros artistas, filósofos e intelectuais em geral, que buscavam inspiração para criação de seus trabalhos. Eram deusas, imortais e tinham seus lugares no Olympus”.

O templo das musas era o *Museion*, termo que deu origem à palavra museu, nas diversas línguas indo-europeias, como local de cultivo e preservação das artes e ciências.

Eram elas: Calíope, Clio, Urania, Polímnia, Erato, Terpsícore, Melpomene, Euterpe e Thalia. Representavam a poesia, a história, a criatividade, a astronomia, os hinos sagrados, a narração de histórias, a geometria, a gramática, as danças, os coros, as tragédias, a música e a comédia.

De uma maneira simbólica e considerando o mito como um caminho que procura sentidos à vida, relaciono este antigo culto às experiências estéticas que tenho desde então, em especial no templo das musas - os museus e galerias de arte.

É importante ressaltar algumas funções atuais dos museus, assinaladas por Ulpiano Bezerra de Menezes (2000):

Os museus se prestam a inúmeras funções, todas elas de inegável valor e desejabilidade: a fruição estética, o relacionamento afetivo, o devaneio, o sonho, a evasão, a nostalgia, sem excluir a informação sob todas as suas modalidades e objetivos (...) seria indispensável que o museu se reconhecesse como um lugar, mais de perguntas do que de respostas. (MENEZES, 2000, p. 95,96)

A apreciação de todas as artes passa por mim e me trazem uma ressignificação da vida, ideias, pensamentos, devaneios. Frequentemente, estou presente em museus (templo das musas) e me sinto receptiva e empática às obras expostas. Busco diálogos e expressão de pensamentos, anseios, dúvidas e ideias.

Muitas lembranças intensas... Frida Kahlo, Dali, Escher, Vivian Maier, museus de arte na Europa, Virginia Woolf, Clarice Lispector, Tarsila do Amaral, Marina Abramovic, Picasso, Monet, ballets russos, Pina Bausch, Grupo Corpo, MASP, Pinacoteca, Inhotim, Bienais, SP-Arte, Wim Wenders e outras incontáveis experiências. Sempre permeadas pelas sensações de liberdade, curiosidade, encantamentos, reflexões, como se minha alma estivesse sendo enriquecida, alimentada.

Era e é tão intenso este contato com a arte que comecei a vinculá-lo a eventos da minha vida pessoal. As lembranças de determinadas épocas da minha vida eram marcadas pelas obras que conheci, os museus que visitei, ... formando uma rede poética entre as artes e a minha vida, um emaranhado de lembranças, estesias, êxtases e vivências.

E esta rede se estendeu obviamente para meu trabalho como pedagoga. Tamanha sensibilidade lapidada com todo este repertório me formaram uma professora em busca de um diálogo entre arte e pedagogia. Uma professora mais reflexiva, crítica, criativa, que busca respeitar a individualidade e criação dos alunos.

Confesso que ao longo dos 18 anos de docência, inúmeras vezes considerei desistir da profissão, devido aos problemas que enfrentamos na educação no país, à sobrecarga de trabalho e à desvalorização que vivenciamos diariamente. Mas a inspiração e a esperança trazidas pela arte têm me mantido na área. Continuo nesta busca e nesta

pesquisa. Muitas dúvidas as permeiam. Mas uma vontade intensa de aproximar a arte e a educação de uma maneira interdisciplinar e mais humana me inspiram. A criação pedagógica na sala de aula é parte cotidiana da minha vida. Como colocar estas duas linguagens em contato? Como usar as artes para sensibilizar as crianças? Como unir os conteúdos curriculares com as experiências estéticas? Inúmeras dúvidas. Mas sigo com convicção e certeza de que o caminho é este. O meu caminho.

Sala V - Entre Frida, Marina e Tarsila - Inspirações femininas

Um dia a arte se tornará vida, assim como a vida se tornará arte.

Pieter Mondrian

Neste trabalho, escolhi refletir como as experiências estéticas e artísticas que vivencio interferem na minha maneira de ver a educação, de elaborar conteúdos, planejamentos e na minha relação com as crianças. E de forma mais ampla, através do meu relato autobiográfico, pensar como as apreciações artísticas/estéticas contribuem na formação do educador, em seus processos criativos na sala de aula. Também procuro incentivar, motivar, aproximar os educadores desses espaços.

Desta forma, as questões sobre as quais essa investigação põe foco estão relacionadas à importância das experiências estéticas vivenciadas pelo docente (em especial, do ensino Fundamental I) como base estruturante e criadora para a sua atuação em sala de aula, considerando uma educação por meio da arte e da sensibilidade. Trata-se de uma metodologia de caráter qualitativo, à medida em que relato minhas memórias e experiências enquanto pedagoga e arte educadora, dialogando com teóricos que contribuem para minha formação. É importante salientar a visão do professor enquanto sujeito competente e ativo, que possui conhecimento específico construído na prática cotidiana.

Mais para frente, tenho o desejo de criar um curso de formação para educadores que queiram ampliar as vivências em museus, galerias, teatros, estabelecendo um diálogo entre pedagogia e arte. Essa ideia surgiu devido ao grande número de colegas de trabalho, educadoras também, que sabem do meu interesse, paixão e das minhas visitas frequentes a esses espaços e me pedem para levá-las, sugerir dicas, divulgar exposições interessantes

e compartilhar com elas essas minhas vivências. Muitas dizem que não conhecem os museus, não entendem as exposições e nem acompanham exposições que estão acontecendo, apesar de terem interesse. É um caminho que ainda desejo seguir, criar uma conexão entre educadores e a arte.

Nas minhas inúmeras experiências estéticas e artísticas, pude me sentir transformada e nutrida, e, assim, desenvolver um olhar mais sensível e humano. Comecei me encantando com a habilidade de criação dos artistas, da expressão de sentimentos e ideias por meio de alguma linguagem sensível, provocando-me empatia estética. É um diálogo que foi sendo estabelecido e aprimorado ao longo dos anos. No início, não sabia que era possível tamanha conexão, não sabia ao certo o que fazer com tanto encantamento, admiração e descoberta. Sentia um certo desconforto e inquietação e tentava encontrar algum lugar para entender ou guardar tudo aquilo vivido. Com o tempo, entendi que não é preciso fazer nada com o que se aprecia das experiências, apenas deixá-las acontecer e revisitá-las sempre que desejado. Não é necessário dar um lugar utilitário ao que é poético.

Mas havia algo sendo transformado a cada museu visitado, a cada artista descoberto, a cada experiência eternizada. Uma vida poética estava sendo construída e isto perpassava por todas as áreas da minha vida. Uma delas era a minha atuação como professora.

Fui alimentando o desejo de mostrar aos alunos e alunas os artistas que conhecia, as obras que me encantavam, a expressão artística como linguagem dialógica. Às segundas feiras, costumamos fazer a “roda de novidades”, que são relatos orais do final de semana das crianças, que as ajuda a organizar a expressão oral, a memória, a interlocução, a convivência entre nós. Às vezes, eu também participava, comentando com elas sobre as exposições que tinha ido, mostrava imagens de algumas obras e fui percebendo que elas se interessavam pelas minhas narrativas. Em parte, por um lado afetivo, pelo fato de conhecer a vida da professora fora da escola, e, por outro, queriam saber sobre o que eu mais havia gostado, alguns até pediam mais informações para ir com a família aos mesmos lugares.

Aos poucos, comecei a criar situações didáticas pensadas, planejadas e construídas para trazer alguma sensibilidade aos alunos, diferentes das que já estávamos acostumadas a fazer. Comecei trazendo obras que desconstruíssem realidades, provocavam reflexão

sobre o outro, a convivência escolar, os diferentes pontos de vista da mesma situação. Obras que davam a possibilidade de pensar metáforas, perguntar, confrontar, ressignificar, apreciar. Então entra *Maurits Cornelis Escher*, com suas ilusões de óptica; *Bruegel*, com suas paisagens incríveis, que desencadeiam narrativas criadoras fantásticas; as fotografias de *Vivian Maier*, ampliando o olhar das crianças sobre o espaço urbano e convidando-as a fotografarem a cidade; obras de *Tarsila do Amaral*, com suas paisagens multicoloridas e com tantos aspectos sociais; fotografias de *Claudia Andujar* e inúmeras canções indígenas, quebrando estereótipos e padrões; obras de *G. Arcimboldo* e o trabalho com a natureza, pensando com as crianças sobre alimentação e construindo obras táteis, entre muitos outros.

Fui percebendo que a arte é capaz de tecer, costurar os conhecimentos de maneira interdisciplinar, pode ser ferramenta de aprendizagem para outras disciplinas, une as diferentes áreas do conhecimento poeticamente, trazendo criticidade e reflexão.

Um exemplo que me ocorre: em uma das minhas visitas ao MIS - Museu da Imagem e do Som de São Paulo, em 2015, conheci as fotografias de Vivian Maier e me encantei com sua história pessoal e com sua obra. Ela costumava fotografar anonimamente em seus períodos livres ou enquanto exercia sua função de babá. Fotografava cenas do cotidiano urbano, momentos espontâneos de pessoas e situações inusitadas. Enquanto viva, nunca ninguém soube de suas fotografias. Nunca as mostrou a ninguém. Durante os anos de 1950 a 1990, registrou mais de 100.000 fotografias em grandes cidades como Chicago, Nova York e Paris.

Na escola, estávamos preparando um projeto sobre o contexto urbano com as crianças de 3º ano do Fundamental I. Trabalhamos toda a questão das noções de tempo histórico, caracterização do espaço urbano, entre inúmeros conteúdos. Estávamos nos preparando para o tour pela cidade, selecionando lugares históricos e significativos para os cidadãos. Mas faltava a sensibilização do olhar das crianças para esse espaço que habitavam.

Assim, apresentei a elas o trabalho de *Vivian Maier*. Conteí um pouco sobre a sua história de vida, o fato de ninguém saber que ela fotografava, a profissão que a possibilitava viajar por várias cidades e vimos alguns de seus autorretratos. Expliquei-lhes que na época não era comum mulheres fotografarem, nem serem reconhecidas por isso, ainda mais alguém de baixa escolaridade e poucos recursos financeiros.

Observamos algumas fotografias produzidas por ela.. Deixei que as crianças expressassem espontaneamente suas observações, surpresas e encantamentos. Fomos conversando sobre a noção de que aquelas fotos eram documentos históricos, guardavam pistas valiosas sobre o passado daquele lugar, daquela época. Perguntei o que será que Vivian Maier quis mostrar em cada uma das imagens. Pedi para pensarem sobre o instante. O instante exato que ela fotografou revelou momentos incríveis. Pensamos que uma cidade é formada pelas pessoas que nela vivem, andando pela rua, indo trabalhar, dormindo na praça, brincando,... Conversamos também sobre os diferentes pontos de vista: a imagem bela para um não é para outro e isso depende da visão e das experiências que cada um têm.

Fig. 4



Fig. 5



Fontes figuras 4 e 5: “Vivian Maier, uma fotógrafa de rua”, (apresentação John Maloof; prefácio Geoff Dyer); tradução Eduardo Soares. - 1.ed; 2. reim. - Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

Após toda essa exploração, propus que cada criança, durante nosso *tour* pela cidade, observasse com atenção o cotidiano urbano e se algo lhe chamasse a atenção, poderia fotografar. Para isso levamos alguns *tablets*. As crianças gostaram muito de poder viver essa experiência e realmente observavam a cidade com um olhar mais poético. Alguns até encontraram similaridade entre o que viam e as fotografias que analisamos na escola. Na volta para escola, conversamos sobre o quanto fotografar também é sentimento, é instante, é poesia, a cidade é dinâmica, formada por pessoas muito diferentes entre si. As crianças, após essa sensibilização, passaram a se sentir mais

pertencentes a esse espaço. Depois, cada criança criou um título para sua foto, imprimimos e montamos uma exposição na escola.



Fig. 6 - Durante estudo do meio ao centro de Campinas, aluna fotografa muro com intervenção poética.



Fig 7 - Durante estudo do meio ao centro de Campinas, aluno fotografa bonecos em exposição na antiga Estação Ferroviária. Em seu relato, faz relação com as fotos de Vivian Maier observadas na escola anteriormente.

Durante diversos momentos como esses, percebo que a interação com as obras e sua apreciação são de descoberta, percepção, incentivando a atenção, observação e os sentimentos despertados. São também momentos importantes de expressão oral, dizer coletivamente o que a obra provoca, o que chama a atenção. Ouvir e respeitar a opinião e a expressão do outro, sendo diferente ou semelhante. Quanta riqueza! Ouvir as crianças! Tanto a nos dizer, tanto além do que planejamos ou esperamos delas. Falas que muitas vezes nos levam às reflexões mais amplas, de tantos temas possíveis. E abrem possibilidades. Nesses momentos, ia mediando, intervindo, provocando com algumas questões, motivando-as, inspirando novas ideias, problematizando. Sabia onde queria chegar com elas, mas estava aberta aos caminhos que elas propunham ao longo do trajeto.

E a liberdade! A liberdade de expressão e de criação também esteve muito presente em todos os momentos. Com frequência debatíamos que não havia criação “certa” ou “errada”, feia ou bonita. Simplesmente era a expressão de cada criança, de sua subjetividade. Em alguns momentos, fazíamos apenas a apreciação estética e a socialização das observações e dos sentimentos; em outros, após a apreciação, as crianças eram convidadas a criarem a partir das obras apresentadas, que se ligavam aos conteúdos curriculares esperados para aquele momento.

Porém, em todo esse trajeto, senti e ainda sinto que me falta conhecimento e repertório dos materiais artísticos. Não sou formada na área e, no curso de pedagogia, tivemos pouco ou nenhum contato com o “fazer arte”. Assim, sigo na intuição e vou descobrindo junto com as crianças os materiais possíveis de serem usados. Temos na sala uma caixa com miudezas (retalhos, botões, papéis, tintas, recortes, lantejoulas, glitter, ...). Vez ou outra, usamos a caixa para criar nossas obras. Em outras, usamos aquarela, massinha ou a câmera do celular. Em outras, saímos pela escola coletando flores, folhas, gravetos, areia, elementos da natureza. O próprio caminhar já é uma experiência. Mas de uma forma geral, sinto que preciso ampliar as possibilidades, conhecer outros materiais e me familiarizar mais com os materiais artísticos.

Durante este percurso, tenho vivido a arte como inspiração. Metaforicamente, evocando as nove musas da Grécia antiga, filhas de Zeus e Mnemósine, deusa da memória. Que relação mais poética e simbólica! A origem das musas é a memória. Lembranças de experiências estéticas que eu vivi tão intensamente.

As musas representando inspiração para a vida pessoal, para lidar com minhas angústias, meus medos, anseios e paixões, e para a vida profissional, tornando-me mais questionadora, sensível, motivada a derrubar verdades prontas, considerando múltiplas maneiras de olhar o mundo. Mais humana, sensível, crítica e reflexiva.

Recentemente, li, em uma exposição sobre *Cândido Portinari*, no MIS-SP, em 2022, um depoimento de Antonio Callado (jornalista) sobre o artista, que me tocou muito:

(...) Era um frequentador de museus. Adorava. Realmente ele tinha uma capacidade de reter as coisas. Aquela história linda que ele me contou da primeira vez que entrou no Museu do Prado, que ele disse que teve vontade de sair do museu, chegar no meio da rua e dizer: “Oi gente, o que vocês estão fazendo aí? Venham para dentro!” Como é que você pode passar pela porta de um lugar daqueles sem entrar, compreende? (...) (CALLADO, 2022)

Durante este trajeto todo, pude conhecer alguns teóricos que trazem um diálogo que vem ao encontro das minhas ideias. São os autores/autoras que se seguem nas páginas seguintes.

2. GALERIA II: HERBERT READ E A EDUCAÇÃO PELA ARTE, OU ASAS DO DESEJO

Arte e o intelecto são as duas asas da mesma criatura. (READ, 2013, p. 116)

Ao longo do meu trajeto como professora e arte educadora, conheci a obra de Herbert Read, que, já na década de 1940, com seu estilo democrático e humanístico, identificava um sistema educacional falido da Inglaterra. Trazia críticas ao modelo educacional organizado em disciplinas segregadas, à competitividade entre os alunos, à homogeneidade das pessoas e também, ao excessivo pensamento racionalista (lógico-intelectual).

Fazendo referências à Platão, Read (2013) traz como um dos objetivos da educação o desenvolvimento das potencialidades do indivíduo, buscando o que cada um tem de único e especial para, desta forma, integrá-lo à sociedade. Assim, a riqueza e a multiplicidade das experiências oferecidas ao aluno e as interações do indivíduo com o ambiente se mostram como um caminho extremamente válido e potente.

Recentemente, conversando com meus alunos sobre a retomada de vivências como os estudos do meio (após dois anos impossibilitados de fazermos tais atividades, devido à pandemia), perguntei para eles quais seriam os objetivos dessas atividades (iríamos a um estudo do meio em um sítio na semana seguinte). Essas foram algumas ideias levantadas por eles:

- podemos experimentar, viver **EXPERIÊNCIAS**;
- podemos vivenciar e assim aprender mais;
- aprendemos coisas novas, de uma outra maneira;
- podemos ter mais ideias;
- podemos estar com os amigos;
- quando tivemos aulas on-line percebemos a diferença entre estar na escola e aprender no ensino remoto. Aprender na escola é muito melhor;
- trabalhamos o **SENTIR, OS SENTIDOS, AS SENSações E OS SENTIMENTOS**;
- podemos tocar ao invés de apenas observar.

Relatos como esses nos mostram o quanto as crianças precisam de momentos significativos no processo de aprendizagem, o quanto o experimentar precisa estar presente, envolvendo os sentidos e as percepções, para que o ensino seja de fato transformador.

Read via o potencial criativo da arte e propunha um sistema educacional baseado na arte e na educação da sensibilidade estética, almejando uma educação libertária, democrática e com valorização das subjetividades. A arte, segundo ele, devia ser a base da educação, pensada como conceito orgânico, integração entre pensamento, percepção e corpo.

A arte é vista como transformadora do próprio indivíduo, do outro e da cultura; trabalhada como base para a educação, pode possibilitar interação, desenvolvimento da memória e expressões, mobilizar emoções, representar e provocar reflexões de valores estéticos, provocar empatia estética, criar mundos e diversidades de ideias, possibilitar à criança deixar sua marca, sua subjetividade, entre inúmeras outras possibilidades.

Nesta perspectiva, o processo de ensino-aprendizagem permeado pela arte desenvolve indivíduos críticos e reflexivos, une pensamento/sentimento; lógica/estética; científico/artístico; intelectual/estesia; razão/emoção; corpo/espírito. Proporciona ao aluno uma perspectiva dialógica, experimental, inventiva e investigativa.

Esta reflexão me remete a um filme do cineasta alemão *Wim Wenders, DER HIMMEL ÜBER BERLIN (ASAS DO DESEJO)*. *Wim Wenders. Alemanha: 1987*. O filme belíssimo traz a multiplicidade de pensamentos e sensações entre a vida dos anjos e dos humanos, o divino e o efêmero, a transição entre estes dois mundos, metáfora entre as fronteiras da psique humana: o aéreo e o terrestre, como eles se complementam, não sendo possível descrever um sem citar o outro. O corpo e os sentimentos, o aterrar e o voar.

Desta forma, Read propõe a educação imaginativa, em oposição à tradição lógica-racionalista. Sustenta a ideia de um sistema educacional permeado pela percepção, sentimento e imagens eidéticas do aluno, unindo a sensibilidade e a razão. Pretende desenvolver na criança um modelo integrado de experiência, em que o pensamento sempre terá sua visualização concreta. A percepção e o sentimento se movimentam

juntos. De acordo com Read (2013): “A base de toda força intelectual está na integração dos sentidos perceptivos.” (READ, 2013, p. 245).

Assim, os sentidos perceptivos citados por Read estão presentes nas ações, nas experiências sensíveis e atividades práticas propostas pelo professor na sala de aula. Nas minhas experiências como educadora, sinto e percebo que isso é possível. Os conteúdos disciplinares estão interligados e se relacionam entre si, basta o/a educador/a educar o próprio olhar para ver essas conexões e estruturá-las para os/as alunos/as, usando a arte como amálgama. A arte perpassa por todos os conteúdos e pode desenvolver o ser humano de forma global: intelectualmente, fisicamente, afetivamente, socialmente, eticamente e simbolicamente.

A partir da proposta trazida por Read, também pude conhecer o trabalho de Edmund Burke Feldman (1970), que, justamente em seu livro “Becoming human through art”, traz reflexões e ideias práticas a serem trabalhadas com as crianças na sala de aula. Ele propõe que a educação estética, em especial através das artes visuais, seja a base do ensino, desenvolvendo a potencialidade criadora dos sujeitos, assim como as observações atentas e percepções críticas. Também enfatiza a necessidade do educador viver experiências estéticas/artísticas que o nutram para a criação docente pedagógica e poeticamente: “Qualquer um que planeje ensinar arte, independente em qual nível, deve saber o que é arte, ou o que os especialistas acreditam que seja. É também desejado, certamente, ter tido experiências na prática artística”. (FELDMAN, 1970, pág. 1, livre tradução nossa).

Inspirada na leitura de Feldman, vendo a arte através dos conteúdos escolares, relato a seguir uma breve ilustração de um trabalho que realizei recentemente. A fim de desenvolver com os alunos e alunas noções de tempo, iniciamos nosso estudo deixando que as próprias crianças tentassem definir esse conceito. Muitas ideias surgiram e povoaram nossa sala de aula: o tempo como sendo algo precioso, algo da natureza, relativo ao ciclo da vida, o tempo individual, a ideia de simultaneidade,... Em casa, as crianças procuraram marcas do tempo e registraram sobre isso. Tanta riqueza! O avô, a marca na parede, a dança, uma foto antiga, um quadro na parede que acompanha a família e está repleto de memórias, o tomatinho que nasceu na horta, entre tantas outras coisas. Após longa reflexão, apresentei a eles duas obras que selecionei previamente, que a meu ver poderiam relacionar com as noções temporais:

(Fig. 8 - Salvador Dali - A persistência da memória - óleo sobre tela, 24 cm X 33 cm, 1931 - Museu de Arte Moderna, Nova Iorque).



Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/A_Persist%C3%Aancia_da_Mem%C3%B3ria

(Fig. 9 - Cândido Portinari, “Meninos brincando”, óleo sobre tela, 72.5 x 60cm, 1955, coleção particular, Rio de Janeiro, Brasil.)



Fonte: <https://artsandculture.google.com/asset/boys-playing/QgFnhweQifHuJg?hl=pt-br>

Coletivamente, observamos as imagens das obras, deixei que as crianças aproveitassem a fruição e falassem o que sentissem, viam, pensavam e imaginavam. Aos poucos, fui orientando para que observassem os elementos, as paisagens, os personagens, através de questionamentos como: quais detalhes vocês vêem nas pinturas? Quais sensações térmicas podemos sentir ao olharmos para essas obras? Essas obras trazem lembranças para vocês? Quais sensações os relógios “derretendo” nos transmite? Qual é essa brincadeira dos meninos? Como eles podem estar se sentindo?

Alguns projetavam sentimentos relativos às cores e aos elementos das obras (“Um lugar mais seco, quente, sem água, com cores escuras, nos deixa mais tristes e com raiva. Outro lugar com cores mais claras, com crianças felizes, nos sentimos mais alegres.”). Em certo momento, propus que tentassem buscar nas obras alguma relação com o que estávamos estudando sobre o tempo e várias crianças fizeram inferências interessantes, construindo relações significativas (“eu sinto a sensação de liberdade com essa imagem”, “o artista desenhou lembranças da infância dele”, “o tempo de alguma coisa acabou, por isso o relógio derreteu”).

Durante toda essa reflexão, trabalhamos a escuta do outro, a visão que meu colega tem sobre a mesma imagem pode ser diferente ou semelhante à minha, a descoberta e o aprendizado com as ideias do colega, a diversidade de opiniões, entre muitas outras coisas. No final dessa sequência, cada criança representou em uma folha, usando aquarela (material que se relaciona à ideia de fluidez, ao que escorre, que não temos controle, assim como o tempo), o que ficou de aprendizagem.



(Fig. 10 - A aluna H., 8 anos, relata que representou o tempo passando através de elementos da natureza e as árvores nas diferentes épocas da vida, e nomeia o trabalho como “Vida”)



(Fig. 11 - A aluna M., de 8 anos, representa a figura de uma bailarina (ela mesma) e números dançando com ela. Relata que quando está no ballet, perde a ideia do tempo porque gosta muito deste momento).



(Fig. 12 - O aluno G., de 8 anos, relata que se representou no parque brincando no seu brinquedo favorito com os amigos, porque é um momento que ele gosta muito e “aproveita muito este tempo” - tempo do brincar”).

Assim, para que isso ocorra de forma profunda e significativa, é necessário que as experiências estéticas/artísticas/educacionais propostas pelo/a educador/a sejam ricamente selecionadas, construídas e estruturadas. Para isso, o/a próprio/a educador/a deve ter seu repertório de experiências estéticas muito bem cultivado, renovado e enriquecido. Ele/ela próprio/a deve ter investido na sua alfabetização cultural e realizado, por meio da arte, uma leitura social, cultural e estética do mundo. Assim preparado/a, ele/ela é capaz de criar práticas, atividades, situações enriquecedoras aos alunos e alunas.

3. GALERIA III: AS EXPERIÊNCIAS ESTÉTICAS E A CRIAÇÃO PEDAGÓGICA: O PROFESSOR ARTISTA

Todo professor é um artista.

Paulo Freire

Retomando as ideias de Herbert Read e considerando, no âmbito escolar, as experiências estéticas e a arte como as bases dos processos pedagógicos, percebemos a importância das próprias vivências acumuladas pelo/a educador/a nesse processo. Como é possível o/a educador/a promover a transformação e o desenvolvimento do outro, sem o cuidado com as próprias experiências?

Mas não experiências comuns, ordinárias. Experiências significativas, que mobilizam o ser humano. Vejo nesse momento um diálogo entre referências muito importante nessa discussão: John Dewey e Ana Mae Barbosa.

De acordo com Dewey (2010), experiências devem ser transformadoras, ativas, que perpassam através dos sentidos e percepções. São experiências como essas que revelam novas possibilidades para o educador e possibilitam a criação. Essa criação a que se refere Read. Que seja tão intensa e mobilizadora que una o intelecto com o sensório, a lógica e o estético.

Dewey propõe que a ideia da experiência estética pode ocorrer fora dos museus também, mas deve ser singular, que provoque um desequilíbrio, um conflito, um movimento no indivíduo. Envolve receptividade, percepção e recriação, tendo um início, um desenvolvimento e um fim. Somente o indivíduo que está aberto para essa profundidade de experiências consegue estar provido de um repertório amplo e, assim, sensibilizar os/as alunos/as no processo educacional.

Esse educador terá papel ativo e condutor no processo de ensino e aprendizagem, pois terá repertório e conhecimento suficiente para transitar e expor a contextualização histórica das obras pelas quais já teria sido “afetado”, sensibilizado esteticamente, e, portanto, poderá elaborar provocações e propostas encantadoras para as crianças, conseguirá ouvi-las e conduzirá seus olhares de fruição, além de estruturar atividades artísticas práticas repletas de significados na sala de aula.

De acordo com Ana Mae Barbosa (2010), é esse educador, que, frente à realidade, tem recursos para percebê-la, decodificá-la, analisá-la criticamente e formular respostas criativas e transformadoras. e, em uma âmbito posterior, criar, dar significados, formas, compreensões e ser capaz de fazer relações. Como o educador que não exercita e desenvolve seu senso crítico é capaz de desenvolvê-lo nos alunos e alunas? Como seria possível esse mesmo educador elaborar e estruturar criações pedagógicas, contextualizar as obras historicamente e estimular a fruição das crianças, se ele/ela próprio/própria não desenvolve essas práticas em seu cotidiano?

É importante ressaltar que a experiência estética a que me refiro aqui é a que só podemos vivenciar nos templos das musas - do grego *mouseion*. É o contato com esses espaços que possibilita o exercício da cidadania, a fruição, a leitura social do mundo por meio da arte. Nos museus onde o indivíduo possa vivenciar sua empatia estética, projetar sentimentos, com as mais diversas manifestações culturais, através de uma experiência ativa. Através das visitas a museus, podemos sentir a experiência estética na sua plenitude, é a profunda percepção usando todos os sentidos: sensorial, intelectual e emocional. De acordo com Ulpiano Bezerra de Menezes (2000):

(...) a sociedade necessita de um lugar (até mesmo institucional) ou melhor ainda, de lugares, onde tal consciência possa ocorrer e se aprofundar. O museu é um deles. E, se não é exclusivo, é um dos mais adequados para tanto, quer se trate de compreender o que objetos naturais, artefatos de várias naturezas, estruturas complexas, (...) ou esculturas, instalações e imagens visuais têm a dizer para estender o espaço de compreensão da condição humana. (MENEZES, 2000. p.98)

Assim, o/a educador/a tem a possibilidade de desenvolver sua leitura crítica do mundo, questionando o que está exposto, para quem a exposição se destina, o que foi excluído e porquê, qual significado atribui-se ao que se vê, ... É onde se pode desenvolver um pensamento reflexivo, com situações de conflito, ou seja, a compreensão do mundo é relativizada pelo que é vivido e sentido.

Desta forma, o/a professor/a enriquecido/a de tantas experiências criativas, frequentador de espaços de museus e galerias, pode desenvolver propostas igualmente ricas na sala de aula, pois encontra-se cheio do prazer da estesia. Ele/ela é de certa maneira também um artista, criando momentos significativos e estéticos entre o/a aluno/a e o conhecimento. O/a educador/a precisa passar por esse processo para entender e usar a arte como provocação, diálogo e não como muitas vezes vemos, a arte apenas como modelo na sala de aula.

Entretanto, sabemos das limitações existentes em um país como o Brasil, onde uma pequena parcela da população tem acesso e interesse em frequentar espaços como museus e galerias de arte. Poucas pessoas usufruem de experiências estéticas em museus, em um país com altíssimas taxas de analfabetismo e uma educação pública extremamente precária, falta de recursos, professores mal remunerados e desvalorizados. Isso é fato.

Porém, comungo da reflexão trazida por Feldman (1970), que também, diante de uma situação educacional complexa e deficitária à época, reflete que os tempos de incertezas são também tempos de oportunidades. É necessário que os educadores busquem pistas nos modelos falidos para repensarem mudanças nas abordagens de ensino. E a educação através da arte, a educação estética, abre-se como uma possibilidade. Por que não haver um movimento da própria classe docente para buscar caminhos como este? Unindo arte e educação, resistindo a um sistema opressor, que busca a não formação de cidadãos críticos e reflexivos. Quebrar barreiras embrutecidas, encontrando luzes entre as frestas, soprando esperança nos rasgos do sistema.

João-Francisco Duarte Jr (2000) nos traz a reflexão de que na educação atual, o pensar em especial, é colocado antes do sentir, refletir, antes de vivenciar. Vivemos um cotidiano alucinante, sem alma, sem poesia, as relações humanas encontram-se degradadas e o espaço urbano é rude. Junto a isso, acompanhamos a deterioração ambiental e o excesso de informatização em todos os meios. Essa situação leva a uma anestesia do indivíduo, uma incapacidade de sentir.

O que se pretende é tornar evidente o quanto o mundo hoje desestimula qualquer refinamento dos sentidos humanos e até promove a sua deseducação, regredindo-os a níveis toscos e grosseiros. Nossas casas não expressam mais afeto e aconchego, temerosa e apressadamente nossos passos cruzam os perigosos espaços de cidades poluídas, nossas conversas são estritamente profissionais e, na maioria das vezes, mediadas por equipamentos eletrônicos, nossa alimentação, feita às pressas e de modo automático, entope-nos de alimentos insossos, contaminados e modificados industrialmente, nossas mãos já não manipulam elementos da natureza, espigões de concreto ocultam horizontes, os odores que comumente sentimos provêm de canos de descarga automotivos, chaminés de fábricas e depósitos de lixo,(...). (DUARTE JR, 2000, p. 116)

Nesse contexto encontramos uma possibilidade de esperança e motivação no diálogo entre arte e educação como caminhos transformadores. Há um encontro possível, potente e significativo, como relatado neste trabalho.

Retomo a questão norteadora e que nomeia esse trabalho: Onde está a arte na pedagogia? Não tenho uma resposta certa e enquadrada (ainda bem). Acredito que a busca por essa problematização passa pelo professor que tenha uma postura ativa em relação ao conhecimento e à sua formação, na reflexão de sua prática cotidiana, na ampliação de seus horizontes de referências, estudos e experiências, na troca de saberes com outros professores e alunos. Sempre ressignificando, aprendendo, questionando, reformulando e descobrindo. Buscando nas nove musas os caminhos poéticos.

4. “FAZ ESCURO MAS EU CANTO” (34º BIENAL/SP 2021) OU CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por fim, a visitação a essas galerias se encerra brevemente, após um longo percurso permeado por muitas situações poéticas, inspiradoras e reais. Pensava ser um trajeto solitário, mas não. Encontrei ao longo destes dois anos de curso, professores e professoras que nos motivaram a continuar a busca de caminhos poéticos, reflexivos, questionadores e na persistência de aprender e ensinar através da arte..

Há um longo caminho de perguntas e pesquisas a serem aprofundadas: Como efetivamente aproximar os educadores dos espaços institucionalizados de arte? De que forma motivar os educadores a vivenciar de fato experiências estéticas e tecê-las às suas criações em sala de aula? Como desconstruir esse tabu que coloca a arte institucionalizada de forma elitista e distante? Como os educadores interagem com as obras em museus?

São muitos os desafios que a educação enfrenta, mas sigo neste caminho que acredito e pretendo ampliar, aprimorar e divulgar cada vez mais, multiplicando as oportunidades de encontros com a arte e a educação. Propondo o entendimento do mundo através da arte, tanto para minha vida pessoal quanto para meus alunos e alunas.

Referências bibliográficas

- BARBOSA, Ana Mae. *A imagem no ensino da arte: anos 1980 e novos tempos*. São Paulo: Perspectiva, 2010.
- BARBOSA, Ana Mae (org.). *Arte/Educação contemporânea: consonâncias internacionais*. São Paulo: Cortez, 2010.
- DEWEY, John. *Arte como experiência*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- DUARTE JR, João Francisco, *O sentido dos sentidos: a educação (dos) sentidos*. Campinas: Unicamp, 2000.
- FELDMAN, Edmund Burke. *Becoming human through art*. New Jersey: Prentice-Hall, 1970.
- MAFUD, Gabriela. *Experiências de vida, formação e atuação de pedagogas: arte/vida em dois atos*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2019.
- MATTAR, Sumaya. *Aprender a ouvir o som das águas - o Projeto poético pedagógico do professor de arte*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2000.
- MENEZES, Ulpiano Bezerra de. *Educação e museus: sedução, riscos e ilusões*, *Ciência.let*, Porto Alegre, n.27, p. 91 - 101, jan/jun, 2000.
- READ, Herbert. *Educação pela arte*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.
- SCHACHTER, A., “Muses”, Simon Hornblower, Antony Spawforth & Esther Eidinow, eds., *The Oxford Classical Dictionary, Fourth Edition*, Oxford, Oxford University Press, 2012, p. 974.
- SOARES, Eduardo (tradução). *Vivian Maier, uma fotógrafa de rua*. (apresentação John Maloof; prefácio Geoff Dyer) - 1.ed; 2. reim. - Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.